

## UM PROJETO

**O**UTRO dia alguém veio me contar que ia ser ou tinha sido apresentado um projeto de lei dando aos ex-correspondentes de guerra honras de oficiais da reserva.

Fiquei encantado com a idéia. Quanta honra para um humilde paisano que no batalhão do ginásio foi ansepeçada vários anos e só ascendeu a terceiro-sargento para ser pouco depois rebaixado a cabo! Cheguei a me imaginar todo garboso, luzindo meu uniforme de gala, com minha espada faiscando ao sol glorioso da Pátria em um desses altos momentos cívicos em que Brasil rima com céu de anil, viril, encantos mil!

Confesso que, embora continuando a lhes devotar o mesmo afeto, passei a tratar meus amigos paisanos com certa superioridade, embora procurasse esconder isso em vista de meu conhecido feito democrático. Pensei mesmo em modificar um pouco o jeito de minhas crônicas; talvez numerar os parágrafos; adotar, em todo caso, uma linguagem mais direta e concisa. Dei de presente as obras de Proust que andava lendo e comprei uma boa edição do *Code Napoleon* para enquadrar o estilo. Afinal — pensei — o estilo é o homem. E se o homem deixa de ser um relaxado paisano para ser um tolega de farda do marechal Lott é justo que seu estilo tome ordem e tenência.

Agora é que estou vendo que talseta queriam me fazer. Ser oficial da reserva é muito bom; mas, para jornalista, não presta. Vejam o caso do sr. Alencastro Guimarães que, depois que deixou o Exército, foi ministro e senador. De repente esse homem público descobre que não tem direito de dar sequer uma opinião sobre política brasileira. Não importa que ele tenha trocado a espada pela bengala. Está ameaçado de cadeia porque disse outro dia essa grande novidade: que o general Lott traiu o presidente Café Filho.

Eu, como paisano, humilde praça da reserva, e de segunda categoria, poderia dizer uma coisa dessas. Não digo porque sou uma pessoa delicada e acho que dizer certas verdades é falta de educação, além de ser monótono. Sou cronista diário, e não professor de História do Brasil. Além disso, acontece que escrevo para o «Diário de Notícias» do Rio, e o marechal Lott já está processando o diretor e o redator-chefe do jornal. Ora, se o João Dantas e o Prudentino vão em cana, quem sabe que eu não serei escolhido para substituir um deles? Afinal de contas sou um jornalista profissional e tenho de pensar em minha carreira.

Aviso, portanto, aos senhores membros do Poder Legislativo que se eles aprovarem o projeto de lei me fazendo oficial da reserva impetrarei mandado de segurança.

Quero ser, humildemente, um homem livre — sem nada de oficial, e sem nenhuma reserva.

Nem restrições mentais.